

Mulheres em busca de novos espaços e relações de gênero

A partir da segunda metade do século XIX, principalmente, as insatisfações de muitas mulheres inconformadas com sua exclusão do terreno público contribuem para a emergência de movimentos feministas na Europa Ocidental e nos Estados Unidos. Criando uma imprensa própria, organizando associações, quer aquelas que se limitavam a uma postura liberal, quer as que vinculavam suas propostas à instauração do socialismo, as mulheres lutam pelo reconhecimento de seus direitos, incursionando algumas pelo terreno da sexualidade. No início do século XX, uma primeira geração de mulheres médicas sugere às demais a liberação do medo e



da ignorância do seu corpo. Não foi tranqüila a receptividade para com essas manifestações. A reação fez-se sentir, não só por parte dos governantes reprimindo tais movimentos, como da própria sociedade, particularmente da parcela masculina e de não poucas mulheres.¹

No mundo anglo-saxão da era vitoriana, por exemplo, as feministas e seus partidários são apresentados como desafidores das sábias e intocáveis leis da natureza. Em nome dessas verdades universais a réplica buscava ser demolidora, com vistas a desmoralizar aqueles que pugnavam pelo acesso das mulheres à propriedade, às profissões, ao voto. Galinhas a cacarejar, *hommes-femmes*, *homesses*,

hermafroditas, eram alguns dos pesados epítetos sexuais que lançavam os antifeministas contra tais mulheres, enquanto os homens que as apoiavam eram chamados de 'solteironas de calças'. Tão assustadora lhes era a idéia de uma possível confusão de papéis sociais, temerosos da perda de seu predomínio nas relações de poder entre os gêneros, que lançavam mão das estratégias mais variadas para manter o *status quo*. Assim, lia-se ou ouvia-se, repetidamente, em tratados ou piadas, em tons solenes ou leves, que os homens e as mulheres deviam ocupar esferas separadas porque tinham naturezas e capacidades distintas e, portanto, deveriam exercer tarefas distintas.

E, apesar desse bombardeio, mais e mais mulheres reagiram contra esses sofismas, contra "sua dúvida real e sua muito real submissão doméstica". Algumas se rebelaram abertamente, enquanto a maioria se valesse de maneiras mais sutis na sua ânsia de subverter sua situação. Lançavam mão de táticas que lhes permitiam reempregar os signos da dominação, marcando uma resistência.²

No Brasil, idênticas iniciativas de liberação das mulheres tiveram lugar. Desde o primeiro protesto de Nísia Floresta na década de 1830, as insatisfações femininas manifestaram-se com mais força. Constituiu-se aqui, igualmente, uma imprensa feminina, cujo primeiro periódico, *O Jornal das Senhoras*, data de 1852. Algumas mais moderadas nas suas reivindicações enfatizavam a importância da

educação da mulher, lembrando o seu papel de mãe, ou por uma "questão de requinte espiritual". Outras mais incisivas defendiam-na como recurso para o alcance da independência econômica, também, acentuando a relevância dos direitos civis e políticos, chegando algumas a defender o divórcio.³

Já no século XX, despontam nomes como Maria Lacerda de Moura, pioneira em muitos âmbitos, cujas idéias, porém, não encontraram o devido eco naquele momento. Outras organizam-se em associações, destacando-se a atuação de Bertha Lutz, cujo movimento teve como alvo o acesso das mulheres à cidadania plena. E, apesar de limitações comuns aos demais movimentos feministas da época, algumas de suas propostas, como aquela dos direitos civis, só recentemente vêm sendo implementadas.

Tais reivindicações deram lugar a fortes resistências; autoridades, políticos em geral, juristas, opunham-se às suas pretensões negando-se por toda a Primeira República a reconhecer às mulheres, entre outros, o direito de voto. Respaldavam-se na ciência da época que legitimava a partir de razões biológicas a desigualdade entre homens e mulheres. Também, através de peças teatrais, da literatura, de crônicas e por diversas matérias na imprensa — jornais e periódicos — observa-se oposição ao seu atendimento, chegando alguns a ridicularizar as militantes, representando-as como masculinizadas, feias, despeitadas e, mes-

mo, amorais. Conseguiram grande repercussão, não sendo poucos os homens comuns que endossavam tais opiniões, através de depoimentos e cartas aos jornais. Não se pode, porém, concluir que tal campanha tenha sido totalmente vitoriosa. As mulheres continuaram a expressar seu descontentamento com a educação que lhes era fornecida. Algumas lançavam mão dos próprios argumentos que lhes estavam sendo impingidos. Muito possivelmente, estariam desenvolvendo uma tática, visando mobilizar para seus próprios fins uma representação imposta — aceita, mas desviada contra a ordem que a produziu. Típica modalidade de manifestação dos poderes femininos numa situação de sujeição e de inferioridade que se traduz na reapropriação dos instrumen-

tos simbólicos que instituem a dominação masculina, desviando-os contra o seu próprio dominador. Dessa forma, ainda em 1855, uma mulher que não assume sua identidade, assinando-se como 'Baronesa', aponta a necessidade de se exigir para as filhas uma instrução mais variada e séria, para o quê considera incapazes os colégios existentes. Observa a ausência de preocupação no cultivo do espírito e da inteligência de uma menina "para que seja uma verdadeira senhora". O apelo se completa, valendo-se do próprio argumento utilizado por aqueles que pretendem manter a mulher como subalterna, ao acentuar o despreparo "de quem deve um dia depender o futuro de uma família inteira".⁴

Mas havia, também, aquelas que exigiram



Aula de culinária na Escola Doméstica de Natal, Rio Grande do Norte, 1953.
Arquivo Nacional.

uma educação mais qualificada não em nome da sua responsabilidade familiar, mas porque consideravam-se tão capazes "como o homem para o estudo das ciências", apesar da constante repetição contrária; afirmavam inclusive a existência de mulheres "superiores a muitos homens cientistas e que escreveram trabalhos que são citados por médicos insígnies". A profissionalização como fruto da instrução era apontada como uma necessidade, reivindicando algumas, ainda de forma tímida, à título de complementaridade, pois "nem sempre o trabalho do homem é suficiente para proporcionar à sua família todas aquelas comodidades...". Outras mais lúcidas manifestavam tal necessidade com vistas a que as mulheres atingissem uma posição simétrica no relacionamento com os homens, tornando-se dignas, capazes de uma escolha livre, o que as levaria a desprezar "as adulações pueris de que ainda se mostram ávidas". Havia, também, aquelas que nem mencionavam o casamento como alvo, ao apontarem a importância do trabalho assíduo e o seu fortalecimento "para as provas da liberdade e para os combates da vida".⁵

O DEBOCHE COMO ARMA

O exercício pelas mulheres de atividades profissionais consideradas próprias dos homens é para muitos considerada catastrófica e objeto de grosseiras caricaturas como na crônica que se segue. Através do malicioso título de *Emancipada*, busca-se passar a

mensagem do terror e do grotesco que essa situação poderia significar. Madame Linhares após um longo dia no escritório, encontra a casa em polvorosa: "os meninos ainda não haviam jantado. E não haviam jantado porque o Cazuzo Linhares não havia acertado com o meio de fazer a sopa e o assado".⁶ A cozinheira tinha saído às compras e, numa situação de inversão que a crônica buscava ridicularizar, "o Cazuzo ficara em casa tomando conta dos filhos". E todo atrapalhado presta contas das suas desventuras, informando à esposa que o almoço tinha sido a carne fria da véspera e ovos quentes. Já estava há três horas tentando sem êxito preparar o jantar, pois "o fogo custou a acender como o diabo...". O fato, sem dúvida, se destinava a provocar preocupações aos mais 'sensíveis', acerca dos prejuízos da ausência da mãe do lar ...

O diálogo que se segue acentua a subserviência do marido e o autoritarismo da mulher. Era a inversão do quadro habitual, que ameaçava as famílias de bem...

— Também você para nada presta.

— Mas Milú se eu nunca aprendi a fazer isso...

— E o que foi que aprendeu, não me dirá? O senhor é um imprestável.

— Mas Milú...

— Cale-se homem, cale-se!

— Mas eu...

— Irrra! Molenga! Banana! Pastelão!

— Eu só queria ver você na cozinha...

— Sim? Querla? Pois esse gosto não há de ter meu caro. Então eu, uma mulher superior, vou lá me ocupar com esses cuidados domésticos.

— E as crianças?

— Pois, aí não tem queijo? Não tem pão? Vá ferver água para o chá.

— Chá, pão e queijo? Mas isso é lá um jantar?

— E basta. Também você só cuida da barriga.

Madame Linhares desloca-se em seguida para os seus aposentos "majestosa e lenta ... acompanhada pelos olhares dos filhinhos que o dedo à boca não ousaram aproximar-se, temerosos". Servido o chá, segue-se outra discussão entre os cônjuges, derramando a madame o chá fumegante pela cabeça do Linhares e aquela para finalizar decide: "e passará a dormir na sala de visitas durante três meses. É para ensiná-lo a respeitar uma mulher emancipada".



Imagem de mãe no final do século XIX. Arquivo Nacional.

Apesar do tom caricatural, tal comportamento feminino não distava daquele propagado, no momento em foco, por criminalistas e médicos, acerca do perigo representado pelas mulheres intelectualizadas como parece ser a personagem. Para Cesare Lombroso, médico italiano e nome conceituado da criminologia em fins do século XIX, embora a mulher normal apresentasse algumas características negativas que a aproximavam da criança, tais como senso moral deficiente, tendência exagerada à vingança, ao ciúme, de maneira geral esses defeitos eram neutralizados, entre outros, pela maternidade, sua frieza sexual e sua menor inteligência. Em contraposição, as mulheres dotadas de forte inteligência se revelavam extremamente perigosas, constituindo as criminosas natas. Eram incapazes da abnegação, da paciência, do altruísmo que caracterizam a maternidade, função primordial das mulheres a que estaria subordinada toda a organização biológica e psicológica daquelas normais.

Higienistas, no Rio de Janeiro, concordavam com tais asserções. Discorrendo sobre os motivos que levariam a mulher a cometer o terrível crime do infanticídio, o dr. Augusto Militão Pacheco aponta as "mulheres originais" como capazes de fazê-lo. Estas divergiriam das demais e se caracterizariam "pela sua extrema devassidão, ... pelo gosto infrene de pintar, escrever, viajar etc.". Nesse caso enquadra em primeiro lugar, a mulher infiel e em segundo, a mulher emancipada. Nesse

particular, acentua Jurandir Freire Costa, para os higienistas a independência da mulher não poderia extravasar as fronteiras da casa e do consumo de bens e idéias que reforçassem a imagem da mulher mãe. A mulher intelectual, emancipada, em fins do século XIX e início do XX, constituía-se num mau exemplo para outras mulheres, levando-as a acreditar que poderiam subsistir sozinhas sem o concurso do marido, comprometendo toda a organização da sociedade. Voluntariamente recusando-se a restringir seu universo à maternidade e à casa, desprezando suas funções naturais, eram a fonte de todos os flagelos sociais.⁷

Mais uma reivindicação feminina é o título de uma outra crônica visando ridicularizar as demandas feministas por maior participação na sociedade:

Já não são somente nas profissões, já não se limitam aos direitos civis e políticos; não param também nos vestuários as reivindicações das nossas ardentes feministas. Há agora uma tendência pronunciada para usar coisas até agora permitidas ao sexo feio. É assim que brevemente aparecerá uma obra da ilustrada sra. X ... reivindicando o direito de senhoras usarem barbas também.⁸

Utilizando-se de um exemplo absurdo e grotesco, no caso a aspiração pelas mulheres ao uso da barba, busca o autor induzir os leitores a encarar, igualmente, como tolas ou supérfluas as demais reivindicações. E ao longo da narrativa não faltam alusões à indignação por tal pre-

tensão de "trazerem os rostos femininos os pelos macios que o homem ciosamente reserva para o seu exclusivo uso". E na utilização da barba, como exemplo de demanda das feministas, pode estar implícita a pretensão de mostrá-las como masculinizadas ou invejosas não apenas de papéis vistos como privativos dos homens, mas igualmente de seus atributos físicos. Afinal, Freud não enxergaria nas mulheres uma forte inveja do pênis?

E, para terminar, o autor não deixa de assinalar mais uma das propaladas fraquezas femininas, não escondendo o esforço em apresentar as mulheres como seres não muito conseqüentes. Assim, afirma que o referido uso da barba "servirá ... para demonstrar a falsidade da alegação de que toda mulher é tagarela, pois necessariamente terão de ficar caladas, ao menos, enquanto fizerem a barba".

Alguns tentam manifestar sua oposição às mudanças pretendidas pelas feministas, apelando para um tom cavalheiresco, próximo ao pieguismo. Aqui, o articulista não deixa de ressaltar a dimensão sacralizada da mulher, representada pela maternidade que inicia o homem na sua caminhada pela vida, e este "obedece-a, e sem nunca mais poder esquecê-la ...". Seu "poder mágico" exerce-se não "pela arrogância, não pela imposição máscula e viril que são os predicados do homem, mas pelo tom sentimental com que move todas as suas ações, mesmo matando quando ri, mesmo traindo quando beija", no que abusa o autor em termos de morbidez ...⁹

Em tom grandiloqüente, acentua a importância da sensibilidade, privativa da mulher, através da qual "dominando o homem, guia as crianças e governa o mundo". E, em seguida, ressalta o caráter específico das qualidades femininas que não passam pela atividade intelectual ou política.

Não concebo a mulher fora do seu ciclo, apostrofando os deuses ou discutindo a origem das espécies. Ela foi feita para domar o homem. Que será da humanidade o dia em que ela, rasgando o *peignoir* de rendas, envergar o grosso capotão masculino e sair para a rua, não mais com a leve sombrinha de seda, mas com o humilhante cacete do capanga eleitoral? Desaparecerá o encanto dos salões, a alma da paisagem, o amor do lar...

Repetem-se velhos estereótipos, acerca da importância de serem respeitados os diferentes atributos dos homens e mulheres, concepção presente na religião, atualizada e sofisticada pelos filósofos iluministas e utilizada pela ciência. O tom da crônica caracteriza-se pela sisudez, em que pese sua excessiva melosidade, até chegar ao seu final, quando lança mão de um artifício por demais vulgar, aquele de que "só as muito feias hão de querer se emancipar ... coitadas! As bonitas não", porque a elas nunca faltará um adorador. E, sem mais delongas: "...que nos importa as feias! Salvem-se as belas, que a humanidade se aperfeiçoará".